Dia 4 — Santa Mônica, Mãe de Santo Agostinho

Nasceu Santa Mônica numa cidade da África no ano de 332, de pais cristãos, mais distintos por sua virtude que pela nobreza de seu sangue. Deram a sua filha uma educação correspondente; e, para criá-la com maior cuidado, confiaram-na a uma boa velha, criada tão antiga da casa que havia conhecido no berço o pai de nossa Mônica; e a santa velha desempenhou o encargo com o maior cuidado e esmero. Visivelmente se reconhecia que ia crescendo com a idade a devoção da menina e, como tinha muita discrição e uma inclinação natural à virtude, deixava pouco que fazer a sua piedosa aia e mestra.

Contava depois a mesma Santa Mônica a seu filho que, não obstante as salutares lições daquela virtuosa mulher, que não queria que bebessem vinho as donzelas, ela teria caído em algum excesso, pela inclinação que tinha a este licor, se não fosse por uma criada que um dia a chamou de bêbada: esta repreensão causou-lhe tanta vergonha e fez-lhe abrir tanto os olhos para conhecer a torpeza daquele vício que desde o mesmo instante fez propósito de não voltar a provar o vinho, e que assim o havia cumprido até então.

O bom entendimento e o bom modo de nossa Mônica, junto com sua prudência e virtude, faziam-na cada dia mais amável e mais amada de seus pais; e, vendo-a estes já em idade de poder casar-se, contando mais com sua virtude que com as outras prendas naturais, deram-na por marido a um rico cidadão de Tagaste, na província da Numídia, chamado Patrício, porque, ainda que era todavia gentio, esperavam que a prudência e a virtude de sua filha o converteriam à religião cristã.

Ao entrar Mônica no novo estado, tomou a seu cargo tanto suas obrigações como seus trabalhos. Seu primeiro cuidado foi estudar bem o gênio, as inclinações e o humor de seu marido. Eram as paixões dominantes deste a cólera e uma incontinência desenfreada; dedicou-se Mônica a temperar uma com sua modéstia, apacibilidade e sofrimento, e a corrigir a outra com seu amor, paciência e dissimulação. Quando Patrício estava mais colérico e mais arrebatado, naquele ímpeto jamais lhe resistia sua mulher nem lhe respondia a menor palavra; prevenia seus gostos e adiantava-se a tudo quanto podia comprazê-lo.

Como um dia se queixassem confidencialmente, em presença de Mônica, algumas amigas suas da mesma idade, do muito que tinham que padecer com seus maridos, disse-lhes a santa com tanta doçura como prudência: «Vede bem se tendes vós a culpa. Para lançar um jarro de água ao fogo da cólera e para domesticar o gênio mais feroz e mais extravagante de um marido, não há meio mais eficaz que o silêncio respeitoso, o modo mais humilde e apacível e a paciência doce e constante de uma mulher; a submissão que devemos a nossos maridos não nos permite fazer-lhes frente; o contrato matrimonial é contrato oneroso que nos impõe a obrigação de sofrer seus

defeitos com paciência. Se vós sabeis calar, poupareis muitos pesares e muitos dissabores.»

A suas máximas e a seus conselhos correspondia seu porte. Ainda que Patrício era homem bárbaro, arrebatado e brutal, ela o desarmava com sua paciência e o ganhava com sua doçura. Sempre atenta a suas obrigações, não pensava mais que no governo de sua casa. Todo o tempo se lho levavam suas devoções e o cuidado de sua família; com cujos meios teve a consolação de ver reinar numa casa, composta quase toda de gentios, um espírito verdadeiramente cristão.

A sogra de Mônica, afeiçoada à sua virtude e à sua prudência, queria tanto a sua nora que a idolatrava. Em breve tempo foi Mônica a admiração de toda a cidade; mal se falava de outro assunto que da paz que reinava em sua casa e da exemplar educação que dava à sua família; elogios que lhe mereceram tanto conceito e tão geral estima que, havendo algumas diferenças ou dissensões nas casas particulares, todos acudiam a Mônica para que as arranjasse, e assim era como a pacificadora de toda a cidade.

Entretanto ia crescendo sua virtude, e singularmente a terna devoção que professava à santíssima Virgem, a quem todos os dias encomendava sua família, pedindo-lhe sobretudo, com incessantes rogos, a conversão de seu marido. Conseguiu-a enfim; porque, fazendo Patrício reflexão à doçura, ao sofrimento, à prudência e a todas as demais virtudes de sua mulher, inferiu que não podia deixar de ser verdadeira a religião que as ensinava; conheceu seus erros, detestou-os, instruiu-se bem na religião cristã e recebeu o batismo. Quem poderia explicar o gozo de nossa santa quando viu já cristão seu marido? Com a mudança de religião mudou também os costumes: aqueles grandes exemplos de virtude que por tanto tempo havia observado em sua mulher produziram todo o seu efeito. Já não era aquele Patrício colérico, altivo, furioso, dissoluto; mas outro homem bem diferente, pacífico, humilde, modesto, casto, temeroso de Deus. Pode-se dizer que esta foi a primeira conquista de nossa santa; mas o Senhor tinha-lhe reservada outra muito mais vantajosa a toda a Igreja, que era a de seu filho primogênito Agostinho, cuja conversão custou à santa mãe muitas lágrimas.

Era Agostinho de pouca idade quando morreu seu pai; e, vendo-se viúva nossa Mônica, só pensou em adquirir todas aquelas virtudes que pede São Paulo às de seu estado. Retirada, mortificada, invisível quase às demais criaturas, empregava o tempo em seus exercícios espirituais, em obras de misericórdia, no governo de sua família e na educação de seus filhos. Havia tido três, dois filhos e uma filha, sendo o maior de todos Agostinho, que lhe custou tantos cuidados, tantos suspiros e tantas orações.

Vendo a boa mãe a vivacidade e fogosidade extraordinária de seu gênio, começou a temer as mais funestas consequências; especialmente quando nem com seus conselhos nem com suas repreensões podia conter a impetuosidade daquele natural nem moderar a violenta paixão que o arrastava para a sensualidade. Teve a dor de vê-lo precipitar-se nos erros dos maniqueus, porque favoreciam a torpeza e a dissolução; mas nem por isso desistiu nem desconfiou de sua emenda; antes, redobrando as orações, os jejuns, as lágrimas, as esmolas e todo gênero de boas obras para conseguir de Deus a salvação de seu filho, não cessava de adverti-lo, de repreendê-lo e de exortá-lo a que se apartasse do caminho da perdição. Mas Agostinho não dava ouvidos senão a suas paixões: enterneciam-no as lágrimas de tão boa mãe, mas não apagavam o fogo violento de uma

juventude desordenada. Derramava-as Mônica de dia e de noite na presença do Senhor para mover sua misericórdia e acompanhava as orações com grandes penitências; e, compadecido o Senhor, quis alentar sua esperança com algum consolo. Teve um sonho em que lhe deu a entender que por fim se converteria seu filho e que se reduziria ao grêmio da santa Igreja.

Não lhe permitia seu amor perdê-lo de vista; e assim o seguiu a Cartago, para onde passou a estudar. Quanto mais se desviava de Deus Agostinho com suas desordens, mais se aproximava de Sua Majestade a santa mãe com seus gemidos, procurando mover a divina misericórdia com lágrimas e com orações. Conseguiu enfim o que desejava com tão fervorosas ânsias; e o próprio Santo Agostinho reconhece que sua conversão, segundo a profecia de um santo bispo, havia sido fruto das lágrimas de sua santa mãe.

«Em que abismo estava eu metido!, exclama no capítulo 11 de suas *Confissões*; e vós, Deus meu, estendestes do céu para mim vossa mão misericordiosa para tirar-me daquelas profundas trevas em que estava sepultado. Chorava-me entretanto minha boa mãe com mais vivo pesar que outras mães choram a seus filhos quando veem que os levam a enterrar, porque me via verdadeiramente morto diante de vós, e o via com os olhos da fé e com aquela luz que vós lhe havíeis comunicado. Assim, Deus meu, escutastes vós suas ânsias e não desprezastes aquelas lágrimas que derramava a torrentes em vossa presença, sempre e em todos os lugares que lhe oferecia sua oração. Desde então a ouvistes benignamente e de certa maneira a assegurastes por aquele sonho, que sem dúvida lhe enviastes vós, e lhe serviu de tanto consolo, e por aquilo que lhe disse aquele santo bispo, que não era possível que se perdesse para sempre um filho que lhe custava tantas lágrimas.»

Mas ainda não havia chegado este tempo. Ainda que Agostinho professava um terno e filial amor a sua mãe, fazia pouco caso de seu pranto e de suas admoestações. Desgostoso com a insolência e má criação dos discípulos que o ouviam em Cartago, onde ensinava retórica, resolveu embarcar e passar a Roma, com a esperança de que ali seria mais estimado. Teve notícia disto Santa Mônica e foi grande sua dor, temendo que aquela viagem havia de adiar muito a conversão de Agostinho, da qual concebia cada dia maiores esperanças. Fez quanto pôde para impedi-lo; mas Agostinho escapou secretamente, fazendo-se à vela uma noite enquanto sua santa mãe estava fazendo oração na capela de São Cipriano. Esta separação custou a Mônica um grande desgosto; gemeu no mais íntimo de seu coração e redobrou sua maternal solicitude e seus rogos e orações a Deus.

Apenas chegou a Roma Agostinho, caiu tão gravemente enfermo que esteve nos umbrais da morte. Confessa ele mesmo que deveu sua cura às orações de sua virtuosa mãe. Chegou à notícia desta que seu filho havia deixado Roma para ir ensinar a retórica em Milão, e ao instante tomou a resolução de passar o mar só para estar com ele. Levantou-se uma tempestade tão furiosa que todos se davam por perdidos e a tripulação estava consternada; mas Mônica alentava os próprios marinheiros, e não se duvidou de que se devesse a suas orações o haverem escapado do naufrágio.

Logo que entrou em Milão, soube a conversão de seu filho. Foi indizível sua alegria quando viu que já não era maniqueu; mas faltava-lhe, para ser cabal, vê-lo bom católico. Quando logrou isto, exclamou sem poder conter-se, cheia do mais profundo reconhecimento: «Agora sim, Senhor, que

morrerei em paz, pois vos dignastes ouvir as orações de vossa indigna serva. Sede para sempre bendito, Deus de misericórdia, e dignai-vos aperfeiçoar vossa obra na conversão de meu filho.»

Aproveitou muito seu espírito com as santas práticas que teve com Santo Ambrósio enquanto esteve em Milão. Usava a santa certas devoções ou exercícios espirituais que se estilavam na África e que Santo Ambrósio havia proibido em seu bispado; apenas chegou à notícia de Mônica a proibição do bispo, deixou-as ao instante, mostrando que em suas devoções não se deixava levar da inclinação nem do costume, e muito menos do apego à sua própria vontade.

Tendo resolvido restituir-se à África, partiu de Milão com Santo Agostinho; e, chegando ao porto de Óstia, detiveram-se nele para descansar das fadigas do caminho, esperando também tempo oportuno para embarcar. Um dia que estavam sós mãe e filho, tiveram uma longa conversação sobre a caduca e perecível vaidade dos bens desta vida e sobre a eterna felicidade que gozam os santos no céu. «Enquanto falávamos daquela ditosa vida, diz Santo Agostinho, aspirando a ela com ardentes ânsias, elevamo-nos até senti-la e, de certa maneira, até prová-la por meio de um ímpeto do espírito e voo do coração.» Santa Mônica não tardou muito em ir gozá-la. Cinco ou seis dias depois caiu enferma e, durante a enfermidade, padeceu uma espécie de desmaio ou deliquio que a teve por algum tempo sem conhecimento. Voltando a si, disse a Santo Agostinho e a seu irmão Navígio: «Onde estive eu?» Tendo-os observado muito tristes, chorosos e doloridos, acrescentou: «Filhos meus, aqui enterrareis vossa mãe.» E, como Navígio, seu filho menor, mostrasse desejar ao menos o consolo de que morresse em sua terra, prosseguiu a discreta santa: «Não vedes o que deseja e o que diz? Que importará que meu corpo esteja aqui ou ali depois de morto? A única coisa que vos peço é que, em qualquer parte onde estejais, vos lembreis de mim no altar do Senhor.» E, como lhe houvéssemos perguntado, diz Santo Agostinho, se lhe dava alguma pena ser enterrada em lugar tão distante de sua terra, respondeu: «Em nenhum lugar do mundo estamos longe de Deus, e eu não temo que no dia do juízo lhe custe muito trabalho achar meu corpo para ressuscitá-lo com todos os demais.» Desta maneira, continua Santo Agostinho, foi separada de seu corpo aquela alma tão cheia de religião e tão santa, ao nono dia de sua enfermidade, aos cinquenta e seis anos de sua idade e aos trinta e três da minha.

Logo que rendeu o espírito nas mãos do Criador, um jovem de Tagaste, chamado Evódio, amigo de Santo Agostinho, rezou sobre o cadáver o salmo centésimo. É indizível o sentimento de Agostinho por esta morte; pois, ainda que a consideração da glória que gozava sua mãe reprimia as lágrimas, não lhe estorvava a dor. «Tendo sido levado o cadáver à igreja, diz ele mesmo, acompanhei-o e voltei sem derramar uma só lágrima; porque não chorei durante os ofícios que se fizeram estando o corpo exposto na igreja e oferecendo-se por ela, antes de enterrá-la, o divino sacrifício de nossa redenção, como se costuma. Pareceu-nos que não era decente acompanhar seus funerais com lágrimas e com suspiros, que só devem empregar-se em lamentar a infelicidade dos defuntos, atendido que na morte de minha mãe nada havia que merecesse chorar-se, pois só havia sido um trânsito a melhor vida; disto estávamos seguros pela pureza de seus costumes, pela sinceridade de sua fé e pela regularidade de toda a sua vida; *et si quis peccatum invenerit, flevisse me matrem meam exigua parte horæ;* e, se a alguém lhe parecer mal que eu tenha chorado por alguns instantes uma mãe que acabava de expirar diante de meus olhos, uma mãe que me havia chorado tantos anos pela ardentíssima ânsia que tinha de ver-me viver diante dos olhos de Deus: *non irrideat,* desculpe minha ternura e chore ele mesmo por meus pecados, se tem alguma caridade.»

Ainda que estava persuadido Santo Agostinho de que o Senhor havia concedido a sua santa mãe a glória que lhe pedia incessantemente em suas fervorosas orações, nunca deixou de oferecer por ela o santo sacrifício da missa, como a mesma santa lho havia encarregado na hora da morte, e do qual havia sido tão devota durante sua vida que todos os dias assistia a ele com a mais terna devoção; e, não contente com isto, pediu a todos os sacerdotes amigos e conhecidos seus que se lembrassem no altar, assim de Mônica como de seu pai Patrício.

Desde que morreu esta santa, fez-se memória dela com singular veneração em toda a Igreja. Conservam-se algumas relíquias suas na abadia de Arrouaise, em Roma [^1], como também em outras partes, e em todas com particular devoção.

Martirológio Romano

Em Óstia, o trânsito de Santa Mônica, mãe de Santo Agostinho, cuja santa vida escreveu ele mesmo no livro nono de suas *Confissões*.

Nas minas de Fenos, na Palestina, a festa de São Silvano, bispo de Gaza, que na perseguição de Diocleciano recebeu a coroa do martírio por ordem do César Galério Maximiano, em companhia de muitos membros de seu clero.

Ali mesmo, trinta e nove santos mártires que, tendo sido condenados a trabalhar nas minas, foram queimados com ferros em brasa, atormentados de outras diferentes maneiras e por último decapitados todos juntos.

Em Jerusalém, São Ciríaco, bispo, que, indo visitar os Santos Lugares, foi martirizado no tempo de Juliano, o Apóstata.

Na Úmbria, São Porfírio, mártir.

Em Nicomédia, Santa Antônia, mártir, que, depois de haver sofrido vários e muito cruéis tormentos, esteve três dias pendurada por um braço; em seguida a tiveram dois anos num calabouço e, por último, vendo sua perseverança em confessar a Jesus Cristo, queimaram-na por ordem do presidente Prisciliano.

Em Lorch, na Áustria, São Floriano, mártir, que, no tempo do imperador Diocleciano, foi precipitado no rio Enns com uma grossa pedra ao pescoço, por ordem do presidente Aquilino.

Em Tarso, Santa Pelágia, virgem, que, tendo sido metida num touro de bronze ardente, consumou seu martírio no tempo do mesmo imperador.

Em Colônia, São Paulino, mártir.

Em Milão, São Venério, bispo, cujas virtudes nos deu a conhecer São João Crisóstomo numa carta que lhe escreveu.

No Périgord, São Sardos, bispo de Limoges.

Em Hildesheim, na Saxônia, São Godeardo, bispo e confessor, posto no catálogo dos santos por Inocêncio III.

Em Auxerre, São Curcodemo, diácono.

Missa (oração)

A missa é em honra da santa, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, mærentium consolator, et in te sperantium salus, qui beatæ Monicæ pias lacrymas in conversione filii sui Augustini misericorditer suscepisti; da nobis utriusque interventu peccata nostra deplorare, et gratiæ tuæ indulgentiam invenire. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ó Deus, consolo dos aflitos e salvação dos que em vós esperam, que atendestes misericordiosamente às piedosas lágrimas da bem-aventurada Mônica na conversão de seu filho Agostinho, concedei-nos, pela intercessão de ambos, que choremos nossos pecados e que achemos o perdão deles em vossa graça. Por Nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é da primeira do apóstolo São Paulo a Timóteo, capítulo 5.

1 Timóteo 5,3-10

> **Latim:** 3 viduas honora, quæ vere viduæ sunt. 4 Si qua autem vidua filios, aut nepotes habet : discat primum domum suam regere, et mutuam vicem reddere parentibus : hoc enim acceptum est coram Deo. 5 Quæ autem vere vidua est, et desolata, speret in Deum, et instet obsecrationibus, et orationibus nocte ac die. 6 Nam quæ in deliciis est, vivens mortua est. 7 Et hoc præcipe, ut irreprehensibiles sint. 8 Si quis autem suorum, et maxime domesticorum, curam non habet, fidem negavit, et est infideli deterior. 9 Vidua eligatur non minus sexaginta annorum, quæ fuerit unius viri uxor, 10 in operibus bonis testimonium habens, si filios educavit, si hospitio recepit, si sanctorum pedes lavit, si tribulationem patientibus subministravit, si omne opus bonum subsecuta est.

Português: [3] Honra as viúvas, que são verdadeiramente viúvas. [4] E se alguma viúva tem filhos, ou netos: aprenda primeiro a governar a sua casa, e a corresponder a seus pais: porque isto he acceto diante de Deos. [5] Mas a que verdadeiramente he viúva, e desamparada, espere em Deos, e esteja perseverante em rogar, e orar de noite e de dia. [6] Porque a que vive em deleites, vivendo está morta. [7] Manda pois isto, para que elles sejão irreprensiveis. [8] E se algum não tem cuidado dos seus, e principalmente dos da sua casa, esse negou a fé, e he peior que hun infiel. [9] A viúva seja eleita, não tendo menos de sessenta annos, a qual não haja tido mais de hum marido, [10] approvada com testemunho de boas obras, se educou a seus filhos, se exercitou a hospitalidade, se lavou os pés aos santos, se acudio ao alivio dos atribulados, se praticou toda a obra boa.

Nota

«Escreveu São Paulo sua primeira epístola a Timóteo desde a Macedônia, para onde voltou depois de sua primeira prisão em Roma; e diz São João Crisóstomo que foi nos últimos anos de sua vida, isto é, por volta do ano 64 de Cristo. Está esta carta cheia de salutares instruções para os ministros da Igreja; e por isso encarrega Santo Agostinho que a leiam todos os que estão destinados ao serviço do altar.»

Reflexões

É erro buscar fora do estado de cada um o caminho da perfeição. A paixão que se tem pelas frutas estrangeiras é, quando menos, uma delicadeza perniciosa. De tal maneira ordenou Deus todos os estados que todos estão no caminho real da perfeição cristã. Quem vai buscá-la em outra parte desvia-se do caminho real; e o que se desvia deste caminho expõe-se a perder-se.

Si qua vidua, diz o Apóstolo, *filios aut nepotes habet, discat primum domum suam regere:* se alguma viúva tem filhos ou netos, antes de tudo dedique-se a educá-los bem e a cuidar de sua família. Não diz que antes de tudo esteja todo o dia na igreja, que vá de hospital em hospital, nem que gaste o tempo em novenas e devoções; mas que antes de tudo cuide de seus filhos, crie-os no santo temor de Deus e atenda ao governo de sua casa. Seguem este conselho do Apóstolo aquelas beatas de profissão, aquelas mães de família que, com o especioso pretexto de devoção, deixam seu recolhimento, andam continuamente fora de casa, acham-se em todos os concursos, não pouco expostas aos perigos do bulício e do tumulto? Não é meu ânimo, nem permita Deus que o seja, desaprovar a caridade daquelas matronas e senhoras cristãs que servem de tanto consolo e alívio aos pobres enfermos e encarcerados, renovando em nossos tempos o primitivo espírito do cristianismo; falo só daquelas devoções inoportunas, que são de ordinário fruto do amor-próprio e de um secreto orgulho.

O cuidado de uma família cansa; a contínua vigilância sobre os filhos e sobre os domésticos fatiga; o retiro, o guardar sempre a casa, torna-se tedioso e melancoliza; o amor-próprio suspira pelo

desafogo e busca algum pretexto para dispensar-se daquelas obrigações que se conhece serem essenciais. Logo nos oferece este belo pretexto uma falsa ideia que se forma da devoção. Há de assistir-se a todas as salves; não se há de perder nenhum sermão; há de concorrer-se a todas as festas, a todas as funções de igreja. Ocupações santas, emprego do tempo muito louvável em todos aqueles que não têm obrigações incompatíveis com essa piedosa ociosidade. Mas se, enquanto uma mãe de família está muito devotamente na igreja, seus filhos e seus criados vivem com uma licença escandalosa; se, enquanto se ocupa em pôr a paz em outra família, reina na sua a desunião, a desordem e o mau entendimento; se, enquanto consola os aflitos, irrita e desgosta seu marido com sua piedosa preguiça e com suas imprudentes abstinências; finalmente, se, enquanto ela gasta o tempo lá em suas devoções, estão seus filhos sem educação e sem criação, à mercê de uns criados viciosos ou negligentes, sem ouvir talvez mais que conversações torpes e sem ver mais que escandalosos exemplos, agradecer-lhe-á muito Deus aquele ardente zelo que mostra pelos estranhos? Fará muito caso de um zelo tão pouco prudente e tão mal ordenado? Serão do agrado de Sua Majestade umas devoções tão fora de seu lugar e tão incompatíveis com as obrigações de seu estado? Chegarão aos ouvidos do Senhor suas orações entre os gritos de seus filhos, as queixas de seu marido e as murmurações de toda a família? Coisa rara! Não podia Deus facilitar mais a virtude nem fazê-la mais acessível a toda sorte de pessoas que fazendo-a consistir no cumprimento das obrigações do estado de cada um. Com tudo isso, são muito raros os que a buscam nele, ou ao menos mal se acha gosto na virtude que é própria do estado de cada um. Não se estima a que nasce no terreno próprio: os mais suspiram pela que produz o alheio, sem advertir que as árvores transplantadas a clima distinto ordinariamente perdem muito. Os ares naturais são os mais saudáveis. Santifiquem-se em suas casas as mães de família e não busquem fora o que têm dentro delas. Se desejam praticar a humildade, a mortificação e exercitar o zelo, abundante matéria encontrarão em suas casas; sua virtude será mais pura quanto menos exposta esteja à vanglória; Deus não lhes pede mais que o cumprimento de suas obrigações. Enfim, os pais e mães de família tenham sempre na memória este oráculo do apóstolo São Paulo: *Aquele que não cuida de si, e particularmente dos seus, renunciou à fé e é pior que um gentio.*

Evangelho

O evangelho é do capítulo 7 de São Lucas.

Lucas 7,11-16

> **Latim:** 11 Et factum est : deinceps ibat in civitatem quæ vocatur Naim : et ibant cum eo discipuli ejus et turba copiosa. 12 Cum autem appropinquaret portæ civitatis, ecce defunctus efferebatur filius unicus matris suæ : et hæc vidua erat : et turba civitatis multa cum illa. 13 Quam cum vidisset Dominus, misericordia motus super eam, dixit illi : Noli flere. 14 Et accessit, et tetigit loculum. (Hi autem qui portabant, steterunt.) Et ait : Adolescens, tibi dico, surge. 15 Et resedit qui erat mortuus, et cœpit loqui. Et dedit illum matri suæ. 16 Accepit autem omnes

> timor : et magnificabant Deum, dicentes : Quia propheta magnus surrexit in nobis : et quia Deus visitavit plebem suam.

Português: 11 E aconteceu isto: no dia seguinte caminhava Jesus para huma cidade chamada Naim: e lião com elle seus discípulos, e muito povo. 12 E quando chegou perto da porta da cidade, eis-que levavão hum defunto a sepultar, filho unico de sua mãe, que já era viúva: e vinha com ella muita gente da cidade. 13 Tendo-a visto o Senhor, movido de compaixão para com ella, disse-lhe: Não chores. 14 E chegou-se, e tocou no esquite. (Pararão logo os que o levavão,) Então disse elle: Moço, eu te mando, levanta-te. 15 E se sentou o que havia estado morto, e começou a fallar. E Jesus o entregou a sua mãe. 16 Pelo que se apoderou de todos o temor: e glorificavão a Deos, dizendo: Hum grande profeta se levantou entre nós: e visitou Deos o seu povo.

Meditação

Da sincera vontade de entregar-se a Deus

Primeiro ponto

Considera que é bem de estranhar que aquele moço ressuscitado não tivesse ficado desde logo na companhia de Cristo e que o mesmo Cristo o tivesse entregado a sua mãe: admirável prova de que Deus só quer o coração, sem o qual as mais finas, as mais eloquentes protestações são palavras e nada mais.

É muito verossímil que a mãe, movida do mais vivo reconhecimento, oferecesse seu filho ao Senhor, e que o mesmo filho, naqueles primeiros ímpetos do gozo que lhe causava o ver-se restituído à vida, protestasse mil vezes que não queria outro dono nem outro mestre e que já jamais se apartaria de sua divina pessoa: apesar disso, Jesus Cristo o devolve a sua mãe, e a mãe e o filho deixam partir a Cristo. Ó Deus meu, e quantas cópias tem este exemplo!

Ressuscitados muitos nesta Páscoa por meio da confissão, restituídos à vida da graça em virtude do sacramento da penitência, que propósitos, que protestações de reconhecimento, de ternura e de fidelidade! Mas em que param um mês depois todas estas magníficas promessas? Bem conhece aquele jovem o que deve a seu divino benfeitor, mas seu coração ainda está pegado à terra, e por isso não o quer Jesus Cristo. As paixões adormecidas despertam; os hábitos viciosos mal reprimidos voltam a seu antigo vigor; àqueles primeiros movimentos de fervor sucede a desídia e a tibieza; à tibieza, o desgosto; e uma vez desgostado o homem de servir a Deus, arroja-se aos braços de seu primeiro dono, volta a entregar-se a suas primeiras inclinações, às recaídas, à funesta morte da alma. De onde se origina esta lastimosa deserção, esta lamentável volta ao vômito do pecado? A conversão está no entendimento e nas palavras, mas não no coração; daqui provém que há tão poucas conversões constantes e sinceras. Poderei eu lisonjear-me de que o seja

a minha? *Convertei-vos a mim,* diz o Senhor, *com todo o vosso coração,* e não meramente com os lábios; *despedaçai vossos corações,* e não vossos vestidos: menos aparato e mais sinceridade na conversão. Que juízo devo fazer eu da minha? Ah, Senhor, quantas palavras inúteis, quantas vãs promessas vos fiz em meus propósitos!

Segundo ponto

Considera que Deus quer o coração, isto é, o sacrifício inteiro e não pela metade de nossas inclinações, de nossas paixões, de nossos desejos demasiadamente mundanos, sensuais e favoráveis ao amor-próprio. Deus quer o coração; mas o coração é indivisível e não pode servir a dois senhores; se ama a um, há de aborrecer ao outro; se respeita a este, há de desprezar àquele. Deus quer o coração e, por isso mesmo, quer ser amado com generosidade, com ardor e com ternura; quer ser servido com constância, com alegria e com fidelidade; enfim, quer o coração. E porventura pode querer outra coisa? Ou ao menos, pode querer outra sem esta? Tudo o mais é seu e não há mister de nosso consentimento para tomá-lo. Deu-nos o coração, e só o coração é nosso, falando com propriedade; deu-no-lo, e quer que sejamos donos absolutos dele. Não pretende vulnerar nossa liberdade; contenta-se com convidar-nos com suas solicitações, com suas promessas, e estimular-nos com sua graça. Pede-nos o coração; mas não o toma se não lho damos; negar-lho é ingratidão, é impiedade, é injustiça. Mas o que ama tão cegamente ao mundo, o que busca em tudo e por tudo suas próprias conveniências, o que se entrega totalmente a suas paixões, a sua sensualidade, a seu interesse, poderá dizer que dá a Deus seu coração?

E depois disto, estranhar-se-á muito que haja assegurado Cristo expressamente que é pequeno o número dos que se salvam? São muitos os que fazem pública profissão de servir e amar a Deus; mas são muitos, mesmo entre estes que parecem servos seus, os que o amam com todo o seu coração? Contudo, esta é uma condição inseparável do primeiro dos preceitos: *Diliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo.* Mas quantos são os que observam hoje este primeiro mandamento de sua santa lei, base e alicerce de todos os demais preceitos? Olha se, segundo esta doutrina e à vista do que estás palpando no mundo, podes inferir prudentemente que são muitos os que amam a Deus com todo o seu coração.

Dizer que se ama a Deus, não o amando com todo o coração, é mentira; pensar que se o ama com todo o coração, quando só se o serve pela metade, é loucura; persuadir-se de que se o serve em tudo, quando mal se faz coisa alguma das que ele nos manda, é extravagância, é impiedade.

Ah, Senhor! E não acabo eu de fazer meu retrato fazendo o daqueles que vos servem infielmente? Posso dizer com verdade que vos amo de coração e que sou vosso sem reserva? Não posso responder a estas perguntas, divino Salvador meu, senão com minha dor e com minhas lágrimas. Tomai, Senhor, tomai este coração, pois inteiramente vo-lo dou; e daqui em diante espero, com vossa divina graça, que minha conduta há de acreditar que inteiramente vo-lo dei.

Jaculatórias

> *In toto corde meo exquisivi te: ne repellas me a mandatis tuis.* Sl 118.

Eu vos busquei, Senhor, com todo o meu coração; não permitais que me desvie jamais de vossos mandamentos.

> *Deus cordis mei; pars mea Deus in æternum.* Sl 72.

Vós, Senhor, sereis eternamente o Deus de meu coração, meu único dono e todo o meu tesouro.

Propósitos

1. Sendo, ao que parece, coisa tão fácil conhecer um quando está sua vontade sincera e totalmente entregue a Deus, mal há coisa em que mais se enganem ou se equivoquem os homens. Esta sinceridade conhece-se pelas obras, mas poucos atentam a elas para conhecê-la; contentam-se com dar palavras, e estas palavras são de ordinário a única prova de nossa sinceridade. Pois não há que admirar-nos de que os homens se enganem e se equivoquem com sinais tão enganosos. Mas que pretendamos enganar a Deus com umas protestações que desmente o coração, com promessas sem efeito, com boas palavras e não mais, isto sim é digno de admiração, ou, por melhor dizer, isto é o que se chama momice de religião e uma espécie de sacrilégio. Confessa a verdade: não te sentes tu compreendido neste delito? Amas a Deus com todo o teu coração? Entregaste-lho sem reserva? Muitas vezes lhe disseste que lhe entregavas todo o teu coração; mas tardaste muito em tirar-lho outra vez? Repara desde este mesmo instante essa grosseira falta, fazendo-lhe uma doação total e sincera. Examina qual é o que mais te leva o coração; essa paixão, esse ponto de honra, esse prurido de distinguir-te, essa diversão, esse jogo, essa inclinação, esse móvel precioso: dá princípio sacrificando-lho a Deus desde logo, e então poderás dizer que o amas com todo o teu coração, que queres viver e morrer em seu serviço. Tem presente que Isaac não deu sua bênção a Jacó pelo testemunho da voz, mas pelo testemunho das mãos: *Vox quidem, vox Jacob est, sed manus sunt Esau.*

2. Guarda-te bem de certa ilusão nesta matéria, tanto mais temível quanto é mais enganosa e plausível, e que o amor-próprio sempre autoriza e fomenta: entrega de uma vez, diz-se, teu coração a Deus e depois vive seguro, está tranquilo, nada te dê cuidado; ainda que façam muito ruído as paixões, não te assustes; ainda que te excitem mil impuros movimentos os objetos, não te inquietes; ainda que sejam muito grosseiras tuas imperfeições e tuas faltas, não te sobressaltes. Entregaste uma vez teu coração a Deus? Aceitou-o? Pois está em paz e descuida. Este é um erro dos mais perigosos, um quietismo mitigado. Se, para ser todo de Deus, bastasse dizer-lhe: Senhor, eu vos entrego totalmente meu coração, e descuidar de todo o demais; a que propósito nos diria Jesus Cristo que devemos vigiar e orar continuamente, que sempre havemos de estar com as armas nas mãos, que é mister fazer-nos perpétua violência e que, como diz o Profeta, cada dia

havemos de começar, isto é, viver como se começássemos de novo? Sucede com nosso coração o que com aqueles animais que se criam nas casas: por mais que os lancem fora delas ou os deem a outro, sempre voltam. Se sucedesse com nosso coração o que com uma joia, que, uma vez dada, não há já que buscá-la dentro de casa, neste caso já se poderia viver com menos cuidado; mas este coração, origem e assento das paixões; este coração, onde reina o amor-próprio, sempre fica em nossa posse; ainda depois de havê-lo dado a Deus, é necessário impedir que ele mesmo se dê às criaturas. Pois será bom que vivamos numa devota inação, numa ociosidade afetuosa? Bastará pôr-nos na presença de Deus e passar uma hora inutilmente sem pensar em nada, por não turbar uma falsa segurança com a vista de mil imperfeições e até de mil desordens? Não será mister, pelo contrário, desconfiar sempre de seu próprio coração; fazer uma guerra contínua às paixões; trazer à memória todas as suas obrigações; não perder jamais de vista o fim para que fomos criados; examinar na presença de Deus seu porte e sua conduta e fomentar a devoção com a mortificação e com a penitência? Tem por suspeitas todas essas instruções demasiadamente especulativas; foge de todo confessor, de todo diretor que, com o especioso pretexto de fazer-te voar à perfeição, queira manter-te numa perigosa ociosidade e perniciosíssima preguiça. Dize muitas vezes a Deus que lhe entregas teu coração; mas procura que o digam muitas mais tua humildade, tua mortificação, tua pontualidade, tua exatidão no cumprimento de todas as tuas obrigações, tua contínua violência e, numa palavra, todas as tuas operações e todos os teus movimentos: *Filioli mei, non diligamus verbo, neque lingua, sed opere, et veritate.* Filhinhos meus, diz o apóstolo São João, não consista nosso amor em boas palavras, em expressões que só saem da língua, mas em obras e em verdadeiras provas das mãos. Tem presentes estas palavras em todas as tuas devoções e, em matéria de piedade, guarda-te muito de sendas extraviadas; segue o caminho real por onde foram todos os santos, aquele que nos assinala o Evangelho e o mesmo Cristo nos ensina.

[^1]: Assim consta no original («en la abadía de Arovaisa en Roma»); a abadia de Arrouaise (Arovaisa) situava-se na Artésia, na França, e uma parte das relíquias de Santa Mônica também se venera em Roma, em Santo Agostinho.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:47:48 by Admin
Updated 20 November 2026 20:47:48 by Admin